GM

Poluição genética.

Alteração de cadeias proteicas não tem efeitos lineares ou previsíveis no longo termo. Quando se altera uma cadeia proteica, qualquer que ela seja, existem centenas ou até mesmo milhares de recombinações aleatórias possíveis. A modificação genética de organismos é, portanto, uma técnica com resultados imprevisíveis, no médio/longo prazo; e também intensamente destrutivos. Afinal de contas, está-se a alterar o *gene pool* do planeta, a composição dos ecossistemas e de todos os seres neles existentes. Isto não é algo que desapareça numa geração. Fica e expande-se, mesmo sem intervenção humana. Quando se introduz variabilidade imprevisível no *gene pool*, o que acontece a seguir é a proliferação auto-alimentada de mais variabilidade perdurando e expandindo-se ao longo das gerações. Cadeias proteicas, genes, não são sistemas lineares, são sistemas matriciais muito complexos. Esta é a pior forma de poluição existente; não se limita a estragar vida, altera-a, deturpa-a e destrói-a a partir de dentro.

O prospecto real de extinção de espécies, colapso de ecossistemas. A disseminação de poluição genética é algo que, de modo muito concreto, coloca em causa a sobrevivência de espécies e ecossistemas inteiros.

Poluição genética ofuscada por "hot air", derivativos "verdes". Enquanto este tipo de poluição real e incrivelmente grave acontece no mundo real, a atenção do público é desviada para ficções de ar quente, para legitimar a taxação de carbono e a proliferação de derivativos "verdes".

Cancro, neuro-toxicidade, esterilização – e, GM não alimenta o mundo.

Estudos independentes provam efeitos cancerígenos, neuto-tóxicos, esterilizantes. Nos EUA, a FDA autorizou a Monsanto a ter o exclusivo de prova da qualidade dos seus produtos, sob o pretexto de que a autorização de investigação independente colocaria em causa os direitos de propriedade intelectual sobre as cadeias genéticas patenteadas. Os estudos Monsanto são, portanto, opacos e não-replicáveis. São sempre estudos de curto prazo (em média, 90 dias), sem divulgação de dados de base e obtêm sempre resultados impecáveis. Isto foi colocado à prova nalgumas ocasiões importantes, por meio de estudos governamentais independentes, baseados em metodologias sérias: longo termo, diferentes grupos de amostra, dados públicos, métodos observacionais e estatísticos fiáveis, etc. Sempre que isto foi feito, os resultados provaram a incidência de efeitos cancerígenos e neuro-tóxicos, acompanhados de esterilização; especialmente em amostras usando ratos. O estudo mais célebre neste domínio foi conduzido nos anos 90, pelo próprio governo britânico. Na sequência do estudo, o cientista-chefe, na altura o

académico nacional mais reputado no seu campo, foi atacado e caluniado em público pelo próprio PM; um histérico Tony Blair, que foi para os média mostrar-se ofendido e agravado com qualquer resultado científico que colocasse em causa a nova quimera socialista e neo-liberal: comida inteiramente sintética, sujeita a patentes centralizadas. Um outro caso relevante foi protagonizado há poucos anos pelo governo russo. Ambos os estudos demonstraram que existe uma lenta difusão de sintomas (cancerígenos, esterilizantes, neuro-toxicidade) durante as duas primeiras gerações, em amostras de ratos. À terceira geração, a generalidade dos animais são estéreis e quase todos morrem precocemente com cancro. O metabolismo dos ratos é bastante comparável ao humano e é precisamente por esse motivo que são utilizados ratos neste género de estudos.

Difusão ubíqua deste tipo de produtos. Comida GM não inclui apenas produtos vegetais geneticamente alterados, mas também *os animais que os comem*. Quando o gado de um país cresce à base de soja GM, esse lixo genético contamina a própria composição genética do animal que o come. Essa poluição genética é depois transmitida ao RNA do organismo humano que o ingere.

GM não alimenta o mundo. O principal argumento propagandístico para justifica a subsidiação e a difusão a larga escala de GM é a ideia de que as colheitas GM são muito mais produtivas e profícuas que as colheitas normais. O oposto é verdade. Sempre que esta axioma foi colocado a teste concreto, sob igualdade de circunstâncias, as colheitas GM tiveram sempre piores resultados produtivos que colheitas orgânicas.

Monsanto, isenções políticas, “no label required”.

Monsanto, uma companhia militar que agora produz comida. A principal companhia de *biotech* neste campo é a Monsanto, uma companhia que transita directamente da produção de armas químicas e gás de nervos (o Agent Orange é um dos produtos de referência da companhia) para a produção de comida. Uma companhia militar que agora produz comida. Na prática, ainda está no sector da guerra bioquímica, mas agora chama comida às suas biochemweapons.

Monsanto, governantes, parlamentos, isentam-se a si mesmos de GM. Um documentário de há alguns anos mostrava as instalações de R&D da Monsanto, incluindo o refeitório do staff técnico. O refeitório não servia comida GM, apenas comida orgânica. Da mesma forma, estruturas governantes e parlamentos pelo mundo fora isentaram-se de comer GM, nas suas próprias cantinas e refeitórios. O pioneiro neste campo foi o New Labour de Tony Blair. Após forçar a aprovação de GM na Grã-Bretanha [apesar de estudos governamentais independentes que demonstravam efeitos cancerígenos e esterilizantes, em ratos], passaram regulação a isentar as estruturas governantes de terem de comer estes produtos tóxicos forçados ao próprio público.

“No label required”. É claro que a maior parte das pessoas pensam que “comida é comida”, não fazendo distinções qualitativas. Uma ainda maior parte, nem sabe que

existe comida GM ou, sabendo, pensa que é tão boa ou até melhor que a normal; resultado de propaganda. Uma outra parte sabe das consequências das coisas, mas não se importa; desde que não tenha de se sentir mal por "pensar nisso", está tudo bem. Mas, apesar de tudo, existe uma cada vez maior proporção do público que tem consciência dos males provocados pela comida GM e pretende evitá-la. Nos EUA, por ex., houve estados onde largos movimentos de população começaram a "votar com dólares" e, daí, foi criado o movimento (comercial e cívico) para comida orgânica. Foi a partir desse momento que surgiu todo um novo mercado de farmers' markets, lojas locais, cadeias de comida orgânica. As companhias de biotech e os reguladores pretendem que esse tipo de impedimentos não voltem a acontecer e, para isso, não estão apenas a procurar restringir o mercado orgânico, mas também têm vindo a passar regulação para que a comida GM não tenha de ser rotulada enquanto tal.

Colocação de patentes sobre a vida.

Sobre produtos sintetizados. Um dos propósitos essenciais da introdução de GM é a colocação de patentes sobre a vida, conforme expressa por códigos e marcadores genéticos. Isso permite desenvolver produtos biotech, como sementes e depois usar mecanismos regulatórios para sistematizar o uso desses produtos na economia.

…mas também sequestração de vida natural – O exemplo do Iraque. Mas também permite um fenómeno paralelo. A não ser que haja regulação específica a proibir tal acto (geralmente não há), a patente de formas de vida pode aplicar-se a entidades previamente existentes no ambiente. Por exemplo, a Monsanto tem passado uma boa parte dos últimos anos a recolher, a analisar e a patentear sementes naturais, em várias regiões do planeta. Essa é uma das actividades essenciais que a Monsanto tem vindo a conduzir no Iraque do pós-guerra. Descobre sementes tradicionalmente usadas pelos agricultores locais, patenteia-as e usa o governo para impor licenças, proibições, condições de uso. Isto é, o agricultor que planta com sementes que descendem das do tetravô tem agora de pagar à Monsanto pelo privilégio de as usar. Porque é que será que existem tantos "insurgentes" no Iraque?

Mercado biotech – Concessões e privilégios regulatórios.

Mercado biotech é anti-competitivo e prolifera à base de privilégios regulatórios. O mercado biotech funciona com base em pressupostos "free trade". Só se desenvolve e opera plenamente num país quando tem todo o território livre para o fazer (é um mercado extremamente anti-competitivo, como é o caso de todos os mercados que visam consolidação monopolista). Ter território livre para agir significa que existe desregulação no sector biotech. Sob free trade, desregulação/liberalização significa que o actor não vai ter regulação "negativa" (i.e. limitações de acção) mas vai ter toda a

regulação “positiva” do mundo, por meio de subsídios, contratos de PPP, condições legais de excepção e outros benefícios concessionários.

O exemplo da Índia. O caso da Índia/Monsanto é bastante instrutivo. A Monsanto obteve incentivos governamentais para começar por vender as suas sementes a preços irrisórios, ou até mesmo oferecê-las, aos agricultores indianos. É claro que as vendas foram acompanhadas pela promessa de mais e melhores colheitas, mais e melhores rendimentos. O agricultor médio de 3º mundo é analfabeto e tende a acreditar em oficiais governamentais e em representantes comerciais. Portanto, o uso de GM foi generalizado muito rapidamente na Índia. As sementes GM são regra geral, “terminator seeds”. Isto significa que as colheitas não produzem novas sementes e que é preciso comprar novas sementes no final do ano. Também são necessários pesticidas específicos para GM, como o Round Up (Monsanto). O acesso dos agricultores indianos a estas coisas foi, ao início, facilitado pelo governo. Foi depois mantido através de linhas de crédito Monsanto aos agricultores, que podiam receber novas sementes e pesticidas; e pagar apenas no futuro distante. As colheitas não deram bons resultados e o uso dos pesticidas (muito potentes) prejudicou gravemente os solos e as espécies em volta. Muitas zonas tornaram-se essencialmente devolutas. Ao mesmo tempo, o crédito (montantes bastante exorbitantes) começou a ser exigido de volta aos agricultores. Muitos ficaram presos à Monsanto e, não têm quaisquer maneiras de pagar as suas dívidas. De 2007/2008 para cá, isto originou uma vaga de suicídios em massa de agricultores, que já vitimou milhares de pessoas. O método mais comum é a ingestão de Round Up. No entretanto, a Monsanto tornou-se um dos grupos de interesse mais poderosos do país.

Mercado biotech – Fraude biotecnológica activa.

O método das fiscalizações ilegais para extorsão, confiscação de propriedade. Tudo isto é agravado, na Índia e noutras regiões do planeta (como os próprios EUA) pelo facto de a Monsanto e as companhias de biotech praticarem fraude biotecnológica activa. O modo como isto funciona é o que se segue. Um campo de colheitas não é um sistema fechado. Um agricultor pode ter um campo com uma colheita normal, orgânica, mas ter esse campo nas proximidades da colheita GM do vizinho. É normal que haja transferência de sementes de um campo para o outro. O vento, pássaros, insectos, asseguram que isso aconteça de um modo bastante natural e inevitável. Portanto, a certo ponto, a colheita normal começa a incluir alguns rebentos GM. É aqui que as coisas se complicam. A Monsanto tem um literal exército de especialistas e mercenários (Xe, entre outros), contratados para fazer rondas a colheitas, como se fossem alguma forma distorcida de polícia rural interna. Essas pessoas chegam a uma propriedade dedicada a colheitas normais, roubam amostras, enviam-nas para estudos de laboratório. Se existem marcadores GM nessas amostras, começam um processo legal contra o proprietário rural. Acusam-no de roubo de tecnologia e infringimento de patentes. Sempre que a biotech é desregulada num país, é-o de tal forma a permitir este tipo de criminalidade

organizada. É-o também para permitir o que se segue: a imposição de multas extremamente elevadas e/ou a confiscação de propriedade, no caso de o agricultor perder o processo, o que acontece quase sempre. Uma excepção notável aconteceu há alguns anos atrás com um agricultor canadiano. O acto de chegar a uma propriedade privada e roubar amostras é sempre ilegal. Esse detalhe é sempre visado nos processos regulatórios pró-biotech, pelos quais o acusador não tem de revelar o método de obtenção das suas "provas" contra o acusado.

Casos EUA, onde helicópteros despejam sementes GM sobre campos. Fazer rondas cegas é, apesar de tudo, caro e demorado. Daí que já tenha havido vários casos nos EUA, particularmente no Midwest, em que agricultores procuram apresentar queixas contra a Monsanto, quando vêem helicópteros não-marcados a pairar, e a despejar sementes, sobre os seus campos.

Processos de ronda/processo/penalização podem acontecer para GM e não-GM. É claro que estes casos de ronda/processo/penalização acontecem mais geralmente por referência a amostras GM, mas também sucede para qualquer agricultor que esteja a usar qualquer tipo de produto patenteado, GM ou não-GM. Isto é muito típico em países como o Iraque. Agricultores que usam sementes não-GM, tradicionais, mas patenteadas pela Monsanto, podem depois ser acusados em tribunal por o fazer.

Mercado biotech – Os propósitos de tudo isto (1).

Consolidação multinacional, generalização de agro sintético. O objecto final deste processo de saque organizado é a consolidação do mercado agro, sob as megacompanhias globais de agro/biotech, encabeçadas pela Monsanto. É também a substituição da generalidade da agricultura orgânica por estes métodos deturpados e sintéticos.

Patentear e financializar gene pools. As próprias patentes podem depois ser usadas como mecanismos de financialização. Patentear e depois financializar *gene pools*, para cada vez mais domínios de vida, será apenas a extensão natural da actual financialização de recursos naturais, da saúde humana e, da própria vida humana (derivativos sobre seguros de saúde e sobre seguros de vida).

Patentear a própria vida humana. A colocação de patentes sobre a vida, em geral, sintética e natural, levanta uma questão essencial: qual é o limite do processo? Tecnicamente, não existe. Muitos transhumanistas falam de um futuro "brilhante", onde até os genes humanos serão patenteados. [***ver capítulos sobre TH, Tecno-Eugenia***]

Mercado biotech – Os propósitos de tudo isto (2).

Movimento eugénico – "More of the fit, less of the unfit". Ao longo da sua história, o movimento eugénico focou-se em dois alvos essenciais: o sistema nervoso e o sistema reprodutivo. Regular a reprodução e o pensamento. Mas também impedir populações indesejadas do acto de reprodução e da capacidade de pensar de forma clara. É claro que a principal obsessão do movimento eugénico está em "more from the fit, less from the unfit", o que também se traduz em "more of the fit, less of the unfit".

Pop redux contabilística num "mundo de limites". Redução populacional a níveis estritamente necessários e contabilisticamente geríveis, num ficcional "mundo de limites". Esta é a mentalidade que é inevitável em auto-presumidos gestores da humanidade; as populações humanas são recursos humanos, sujeitos a downsizing quando se tornam excedentários ou obsoletos.

Neuro-degeneração, cancro, esterilização. Existem múltiplas formas pelas quais estes elementos estão a ser introduzidos no ambiente; GM é uma das formas essenciais.

GenAltered, Naturals e quimeras, no mundo contraccionário. No mundo contraccionário e austero, *muita gente* vai morrer e ser esterilizada desta forma. Mas as coisas nunca são lineares e monolíticas. Chegará uma fase na qual as pessoas mais favorecidas viverão, essencialmente como técnicos, em centros tecnológicos globais, as *high tech cities*. Essas pessoas não estarão imunes dos efeitos que afectarão o resto das populações. Vários autores transhumanistas fazem leap forwards para essa fase. No futuro antecipado, a reprodução é essencialmente feita de modos sintéticos. A pessoa média, nestes millieus, é uma manta de retalhos. Tem de receber continuamente órgãos, tecidos de substituição, sangue artificial. Está complementada com partes robóticas. O seu cérebro não funciona bem, mas está ligada a AI, portanto não faz grande diferença; não existe identidade pessoal consolidada, apenas fluxo com um computador central. O mundo natural, ecossistemas, espécies, estão essencialmente devastados. Existe uma distinção entre GenRich e Naturals. Os GenRich são estas pobres mantas de retalhos tecnetrónicas. Os Naturals são, literalmente, os seres humanos "naturais" que restam. São pobres e desapoderados, mas são o futuro. Depois, existem múltiplas quimeras. Algumas destas surgem como resultados "acidentais" da disseminação de poluição genética; outras são fabricadas para cumprir funções específicas. Este tipo de mundo só poderia ser concebido e idealizado por pessoas que mentalmente são, elas próprias, mantas de retalhos: simultaneamente destruídas e destrutivas, descaracterizadas, desumanizadas.

Geoengenharia

Geoengenharia, activação ionosférica, "solar radiation management" [WEF (2013)].

Geoengenharia é a engenharia do ambiente geofísico. Um dos temas do relatório é geoengenharia, técnicas usadas para manipular o ambiente geofísico da Terra, o que inclui variáveis como a atmosfera (com impactos climáticos e não só), mas também as dinâmicas ao nível tectónico. Geoengenharia é a engenharia do ambiente geofísico.

Relatório WEF apresenta geoengenharia apenas no campo da ficção IPCC. O relatório adopta uma abordagem soft, para pessoas desconhecedoras, iletrados funcionais e tecnocratas desonestos, localizando o debate no tema climático. «*In response to growing concerns about climate change, scientists are exploring ways in which they could, with international agreement, manipulate the earth's climate*».

Breve historial da geoengenharia enquanto campo.

II Guerra, Vietname. O anterior, dito pelo WEF, é mentira. As primeiras experiências sérias com geoengenharia e alteração climática acontecem ainda durante a II Guerra, por ex., com experiências de "cloud seeding" sobre a Grã-Bretanha. Depois isto tem continuidade durante a Guerra Fria. Durante a Guerra do Vietname, a USAF fazia "cloud seeding" sobre o Ho Chi Mihn Trail numa base diária, por forma a gerar chuvas violentas e tempestades e impedir a circulação de cargas NVA. Isso sucedeu, uma vez que, pelo final da guerra, essa virtual autoestrada tinha-se tornado num mero caminho rupestre empapado.

Tratado ENMOD na ONU, Air Force 2025, a "mão de Deus" na invasão do Iraque. O primeiro acordo internacional sobre geoengenharia e alterações climáticas é assinado durante os anos 70 na ONU [Environmental Modification Convention, 1978]. É acordado que os estados assinantes do tratado não podem manipular o clima em territórios estrangeiros, sem autorização expressa. Nada no tratado as impede de aplicar as tecnologias ao nível doméstico. Hoje em dia, até existe um campo de especialização militar na área, chamado ENMOD. O Air Force 2025, relatório prospectivo para o futuro, elaborado durante os 90s, falava do modo como, no futuro, avanços militares seriam acompanhados de frentes climáticas manipuladas, para perturbar e dificultar a vida ao adversário. Talvez uma expressão disto tenha sido o facto de, no início da guerra no Iraque, o avanço das tropas americanas ter sido precedido por tempestades de areia ao longo de toda a linha. As linhas de Humvees e tanques avançaram rapidamente por linhas iraquianas desalojadas ou desorientadas pelas frentes de tempestade. Muitos propagandistas

evangélicos no aparato militar EUA usaram isto como argumento para dizer que Deus estava do lado de George Bush. Muitos iraquianos compraram este argumento, logo ao início da invasão.

Mini-nukes, tecnologia EM e a manipulação de placas tectónicas. Também já existe tecnologia para gerar manipulação de placas tectónicas, incluíndo terramotos. O modo mais convencional é pelo uso de mini-nukes, mini ogivas nucleares, disparadas de submarinos nucleares tácticos, contra pontos estratégicos numa zona de rift. Também pode ser usada tecnologia EM.

Estações de activação ionosférica – manipulação climática a toda a linha. Da mesma forma existem, em todo o planeta, perto de três dezenas de estações de alteração ionosférica. Essas estações são capazes de disparar doses extremamente elevadas de energia EM para a ionosfera (ou outras camadas, mas especialmente a ionosfera), por forma a activar o potencial EM dessa região de formas desejadas. Dessa forma, é possível gerar campos EM específicos sobre pontos localizados, ou até sobre zonas inteiras do planeta (e.g. um continente inteiro). Isso pode ser usado para manipular por completo o estado do clima; ou, até, para gerar campos tecnetrónicos específicos. A estação mais conhecida e popular é a estação que o governo americano tem no Alaska (commumente conhecida como HAARP), mas existem estações similares na Europa, América do Sul, Rússia, China. Esta tecnologia torna literalmente possível gerar secas, tempestades, furacões, etc; todo e qualquer fenómeno climático que seja desejado.

Ter esta tecnologia em conta perante catástrofes estatisticamente invulgares. É necessário tomar esse factor em consideração séria, quando eventos estatisticamente aberrantes começarem a acontecer [no mínimo, as actividades destas estações têm de ser tornadas inteiramente públicas]. O WEF fala de cenários de «*Persistent extreme weather, increasing damage linked to greater concentration of property in risk zones, urbanization or increased frequency of extreme weather events… Unprecedented geophysical destruction, existing precautions and preparedness measures fail in the face of geophysical disasters of unparalleled magnitude such as earthquakes, volcanic activity, landslides or tsunamis…*». E depois existe a melhor, «*geomagnetic storms, critical communication and navigation systems disabled by effects from colossal solar flares*».

O WEF e catástrofes ambientais de escala sobre megacidades. «*First, more people reside and work in urban areas than ever before in human history – this concentration will continue and is likely to drive <u>environment-related losses to even greater historic highs</u>… The estimated economic loss of the 2011 Thailand floods, for example, was US$ 30 billion, and of Hurricane Katrina US$ 125 billion; meanwhile, the 2003 European heat wave resulted in more than 35,000 fatalities and the Horn of Africa droughts in 2011 claimed tens of thousands of lives and threatened the livelihoods of 9.5 million people… More recently, Hurricane Sandy left a heavy bill, estimated today at over US$70 billion for New York and New Jersey alone. Such events remind us that many economies remain vulnerable to damages arising from climatic events today, let alone those of the future*»

“Solar radiation management”, “global dimming”. O tópico essencial destes personagens é “solar radiation management”, i.e. “global dimming”, por meio do preenchimento da estratosfera com partículas que sirvam de “sun screen”, à escala global. Isso parará o “aquecimento global” e seremos felizes para sempre. Existem algumas coisas que têm de ser apontadas neste ponto.

A ideia genocida de provocar global cooling em larga escala. A última vez que a estratosfera terrestre esteve repleta de resíduos particulares, foi na sequência da erupção do Krakatoa, no início do século 19. Isso trava, sem dúvida, a entrada de uma boa parte da radiação solar, gerando Invernos frios, longos e muito destrutivos, num efeito de “global cooling” à escala global. A Europa e a América do Norte tiveram depressões agrícolas durante essa fase, acompanhadas de um aumento geral das taxas de mortalidade. Isto coincide, por ex., com as crises alimentares do período da Revolução Francesa. Querer repetir essa experiência não é apenas estúpido, é genocida, mas esse é o propósito deste género de pessoas.

“Global dimming” e chemspraying. Um documentário da BBC, de há alguns anos atrás, “Global Dimming”, dava conta da presença desse efeito desde o final dos anos 90. O documentário avançava taxas de dimming na ordem dos 20%. Agora, é mais ou menos a partir de 1998 que começa a grande campanha, actualmente visível numa base diária nos espaços aéreos ocidentais, de encher a estratosfera (sobre zonas urbanas e não só) com partículas de metais pesados: cádmio, alumínio, bário, entre outros. Isso é conhecido como “chemtrailing” e é a forma como se faz “cloud seeding”, mas também a forma como se chuveira a população e os solos agrícolas de partículas cancerígenas e neuro-tóxicas. Também tem o efeito de provocar “dimming”. Quando é feito de um modo intenso o suficiente, isso pode repercutir-se à escala global, através da circulação atmosférica de partículas.

Chemspraying com enxofre, a ideia WEF [entre Highlander II e o nono círculo]. Agora é avançado gerar-se esse efeito com partículas de enxofre. Um bando de banqueiros e cleptocratas, sentados a mesas redondas, a debater tapar a entrada de sol, gerar uma nova redução global de temperaturas, enchendo a atmosfera de enxofre para o fazer. Bom, criaturas provindas do nono círculo do Inferno tentarão recriar o seu habitat natural. No mínimo, é evocativo de “Highlander II”, uma distopia bastante má, mas útil porque mostra como personagens similares tapam o sol com um “sunscreen” global. Para ser justo, esta não é apenas uma ideia WEF, já anda em circulação há algum tempo, de várias criaturas semelhantes, demónios em fato e gravata a rir uns para os outros em ambientes tecnocráticos asssépticos. Bill Gates e o CFR são proponentes disto. Gates até tem a sua pequena companhia montada, para fazer chemspraying de enxofre sobre o planeta. «*Geoengineering can refer to many things, but it is most often associated with a scientific field that has come to be known as “solar radiation management”. The basic idea is that small particles could be injected high into the stratosphere to block some of the incoming solar energy and reflect it back into space, much as severe volcanic eruptions have done in the past… reduce greenhouse emissions, solar radiation management would act quickly and would be cheap to implement… Most research has focused on sulphur injection via aircraft. Recent studies suggest that a small fleet of aircraft could inject a million tonnes of sulphur compounds*

into the stratosphere – enough to offset roughly half of the global warming experienced to date – for US$1-2 billion annually… the technology would be tantamount to a planetary thermostat, giving humans direct control over global temperature. The direct impact of dimming the sun would be felt within weeks to months… the only way to truly test solar radiation management is at scale… Much research has gone into whether a programme could be targeted at the Arctic, for instance, where the impacts of global warming are being felt the most, but some researchers suggest that the impacts could quickly migrate from the Arctic to other regions. Many say that a true test of solar radiation management would have to be global»

O grande risco são "rogue states" e outras ficções. É claro que a mentalidade é comunitária (i.e. fascista), portanto, não há problema se a "comunidade internacional" decidir avançar com este tipo de coisa; o grande risco são "rogue states" e "individuals". «*Rogue Deployment of Geoengineering"… Rogue deployment of geoengineering: technology is now being developed to manipulate the climate; a state or private individual could use it unilaterally… dimming the sun… this has led some geoengineering analysts to begin thinking about a corollary scenario, in which a country or small group of countries precipitates an international crisis by moving ahead with deployment or large-scale research independent of the global community. The global climate could, in effect, be hijacked by a rogue country or even a wealthy individual, with unpredictable costs to agriculture, infrastructure and global stability*»